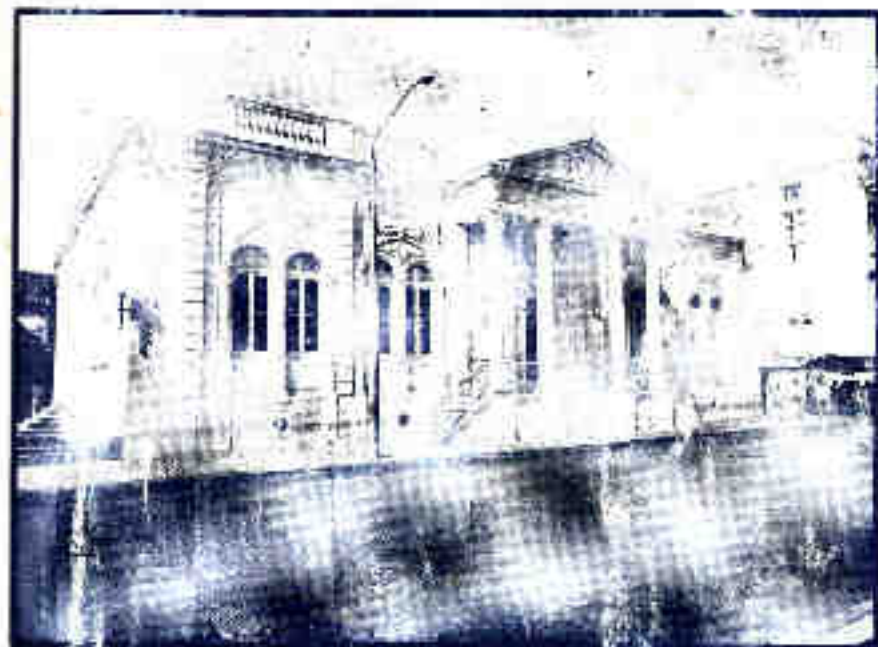


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPel
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel</i>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

COPYRIGHT © Núcleo de Documentação Histórica da UFPel

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PELOTAS**

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Frimar Loeck

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifalet
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Ingeleire Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn.Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbachã

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS**

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rietz

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Leticia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas: Instituto de Ciências Humanas: Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, n° 2, 1996, Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

CDD 905

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO	29
Terriosteles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falção	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES	97
Álvaro Moreira Hypólito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL.....	137
Francisca Michelin	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELotas.....	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE.....	175
Maria Leticia Mazucchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA.....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES.....	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENHAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível".....	254
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de PRIORE, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial".....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO*



Temístocles Cezar**

"Na prática, o historiador sabe bem... interromper discretamente a análise dos resultados estatísticos para intercalar o pequeno relato. - O caderno do mestre, a lembrança de alguma infância, o romance camponês ou da periferia - que lhe dá de uma só vez carne e sentido.

(Jacques Rancière)¹

Houve épocas em que "contar" uma história constituía-se em um acesso lícito às representações do passado. Este período, onde as fronteiras entre o que hoje é chamado de investigação histórica e romance histórico eram tênues, após sucessivas contestações, sofreu no século XIX, um colapso aparentemente definitivo: tornava-se ilegítima a crença em uma forma de história cuja narração envolvesse um autor emancipado dos procedimentos qualificados como científicos.

Os historiadores obstinavam-se em ingressar no reduzido, porém poderoso, círculo das ciências positivas, em busca do prestígio e resultados obtidos por esses conhecimentos especializados. A história, erigida à condição de ciência, encontrou nas Universidades, um local próprio que lhe garantiu institucionalmente o novo estatuto. Neste lugar

* uma versão deste texto foi apresentada em set. de 1994 no II Fórum de Debates sobre teorias de história - um olhar interdisciplinar, promovido pelo NDH/ICH/UFPEL.

** Professor do Departamento de História - IFCH/UFRRGS.

privilegiado a história codifica-se como disciplina, ou seja, como um campo de saber com especificidade teórico-metodológicas suficientes para diferenciá-la das outras ciências humanas.

Paralelamente à delimitação espacial da disciplina histórica, delinea-se, também, as possibilidades de execução e as margens de manobra para pesquisa, por intermédio de um código, parcialmente silencioso, a que os historiadores submetem-se. Os limites a eles impostos caracterizam, segundo Michel de Certeau, a "dupla função do lugar", no qual enquanto são permitidos certos tipos de produções, lhe são interditas outras:

"O lugar torna possível determinadas pesquisas (...). Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso o que é sua condição em um dado momento; desempenha o papel de uma censura com relação aos postulados presentes na análise."³

As inúmeras conseqüências geradas a partir das configurações resultantes entre o que lhe é permitido (o possível) e o que é interdito (o que é cientificamente improvável), em seus níveis positivo ou negativo, manifestam-se, em última instância, no modo pelo qual os historiadores materializam suas pesquisas: em primeiro lugar, e necessariamente, em um texto. O mesmo contido nesta constatação adquire significado especial na medida em que se pode perceber por meio de sua enunciação não apenas uma valoração estética da escrita histórica, mas, principalmente, a sua redefinição como objeto teórico para a análise historiográfica.

A perspectiva aberta com a reinscrição da textualidade na agenda teórica dos historiadores, se por um lado, revela a sujeição destes a um conjunto de regras previamente decididas por uma

determinada comunidade científica cujos objetivos são os de proporcionar instrumentos úteis à prática de pesquisa e ao mesmo tempo criar obstáculos à falsificação do saber histórico (as configurações positivas); por outro lado, denota uma das fragilidades teóricas dos historiadores através de dois efeitos de ordem epistemológica que se desdobram na ausência de reflexão de como se escreve a história (as configurações negativas): 1 - a desconsideração dos historiadores pelo texto, muitas vezes pensado como um relatório conclusivo análogo às ciências exatas, 2 - a correlata proscricção da dimensão literária do discurso histórico (também este objeto de descaiso pela maior parte de seus enunciadores), mais precisamente, a tendência em negar a narratividade como um modo adequado de exposição da escrita histórica.¹

Nas últimas três décadas proliferaram debates em que a pauta central anunciava uma "virada" lingüística nos estudos históricos, indicada por um suposto retorno à literatura e à narratividade que estariam presentes em algumas importantes produções da historiografia contemporânea.⁴

Fazer um inventário exausto acerca dos diferentes enfoques que atravessam a discussão é uma tarefa que ultrapassa, em muito, os limites deste trabalho. No entanto, é possível identificar um conjunto regular de convergências e divergências expressas na oposição entre aqueles que defendem uma história narrativa e aqueles que consideram uma história estrutural o paradigma orientador da investigação acadêmica; sob alguns aspectos nada desprezíveis, uma reatualização da célebre dicotomia que colocou em pólos distintos a arte e a ciência.

De modo geral, pode-se associar história estrutural a estudiosos cuja abordagem nem sempre são coincidentes, mas que têm em comum um sistema de referências teóricas e metodológicas que retira da explicação histórica a centralidade dos padrões narrativos. Encontram-se neste campo o marxismo, a "École des Annales", o estruturalismo e a cliometria norte-americana.

A teoria marxista da história tendeu a desconsiderar a narratividade, inicialmente, por considerá-la um veículo de difusão ideológica dos feitos e acontecimentos das classes dominantes. Em um segundo momento, os historiadores marxistas opuseram a esta história narrativa, pragmática e burguesa, ideológica em sua concepção e efeitos, as noções de cientificidade provenientes do corte epistémico e axiomas básicos codificados desde Marx: o pressuposto de uma "realidade estrutural" organizadora do mundo social, alheia a ações individuais desvinculadas de estruturas econômicas e políticas determinantes, que são inapreensíveis sem a rigidez do método científico e intraduzíveis sem um texto produzido e apresentado por meio de uma linguagem "limpa" na qual os termos são, a priori, definidos e unificados e que, portanto, de certo modo, independem do autor⁵: um texto científico que enuncie e resgate a verdade histórica dissimulada pela narração factual.

As críticas dos historiadores dos "Annales" à história narrativa articulam-se aos argumentos sintetizados por Fernand Braudel para quem os pesquisadores deveriam concentrar seus esforços intelectuais nas explicações dos problemas relativos às estruturas, relegando os acontecimentos "a uma agitação de superfície", desprovidas de importância singular quando comparadas aos ritmos dispares presentes

em uma "longa duração", dimensão temporal onde se encontram as permanências e mudanças mais profundas a que estão sujeitos os diversos grupos sociais.⁶ A sistematização braudeliiana do pós-guerra correspondem princípios metodológicos, iniciados ainda na década de '30, que definiram uma noção de história científica que combina de forma original uma renovada valorização da geo-história, dos estudos demográficos aliados a métodos de quantificação, o que parecia inviabilizar fórmulas narrativas de ordenação dos dados pesquisados.

Ao estruturalismo coube um forte ataque não apenas à narração dos fatos históricos, mas a própria competência da história para estabelecê-los. A história e a sua correlata imagem diacrônica dos fenômenos humanos era, com efeito, classificada pelo "programa" estruturalista como secundária diante das potencialidades abertas pelo estudo das estruturas, investigadas através da análise sincrônica.⁷

Também hostil à história, por fim, é o movimento cliométrico. Originária dos EUA e desenvolvida desde os anos '50, a cliometria em seu início foi aplicada à história econômica difundindo-se rapidamente para as outras áreas da história. A característica comum dos cliométricos, de acordo com um dos seus mais importantes divulgadores, o historiador Robert W. Fogel, "és que aplican los métodos cuantitativos y los modelos conductuales de las ciencias sociales al estudio de la historia."⁸ Os cliométricos pretendem, deste modo, readaptar a máxima de Ranke de que os historiadores têm a tarefa de determinarem o que realmente aconteceu, através não da narração factual comprovada apenas por documentos oficiais, mas pela descrição metódica das fontes quantificáveis dispostas ao longo de um texto e sujeitos a rigorosa verificação empírica.⁹ Na verdade, trata-se

de uma visão de história hermética que absolutiza o método rompendo com todas as outras possibilidades de se produzir o conhecimento histórico sepultadas em um campo unívoco intitulado de a "história tradicional", o que, entretanto, não garante a clometria nenhuma coesão endógena.¹⁰

Os diversos enfoques que se inscrevem no campo da história estrutural, em síntese, caracterizam-se pela busca incessante de marcas de cientificidade. Uma dessas marcas é o próprio texto histórico, resultado, neste caso, de uma ordenação analítica de fatos/acontecimentos construídos a partir de codificações teóricas e metodológicas (sistema de conceitos e hipóteses, técnicas de intervenção dos materiais e dados empíricos), cujas racionalidades, em princípio, são avessas a formas narrativas de distribuição e encadeamento da trama histórica. Em outras palavras, de acordo com um crítico à história científica:

"Tím ludo, nesse debate, sustentava que, se os estudos históricos fossem ser transformados em uma ciência, o modo narrativo do discurso, sendo por natureza manifestamente "literário", era essencial para o estado e a escrita da história."¹¹

O ressurgimento da narratividade, então, desencadeou-se como uma resposta a historiografia estrutural que, em nome da ciência, proferiu o anátema contra aqueles que mantivessem suas escritas sujeitas às injunções literárias.¹² Romper com os condicionamentos científicos da história estrutural implicou, também, em um corte com os métodos quantitativos de investigação e exposição históricas. Não que a análise quantitativa seja negada, mas redefinida: embora

mantenha-se como uma metodologia eficaz em algumas áreas do campo histórico, contra ela é reativado o princípio da indeterminação histórica, espaço epistemológico onde não é possível conter a interpretação da história a limites modelares e/ou taxinômicos, ou à argumentação monocausal.¹³

A este movimento de ruptura associou-se o progressivo descompromisso ideológico dos intelectuais do pós guerra, efetivado na prática através da absorção e composição de novos objetos historiográficos desvinculados das macrolinhas de pesquisa engajadas em processo de mudanças sociais. As inovações temáticas, que incluem as relações de poder, as regularidades do cotidiano, as permanências e alterações comportamentais das mentalidades e valores (sentimentos, emoções)¹⁴, por sua vez, foram acompanhadas de uma antropologização da história, em detrimento dos conceitos sociológicos "outrora" orientadores da explicação histórica. A retomada da narração, conseqüentemente, pareceu ser para estes historiadores o modo mais correto de dispor o texto sem comprometer o tema pesquisado.

O retorno à narração significou também a recuperação do ato de "contar" um relato na circunscção acadêmica. No entanto, segundo Lawrence Stone, a narrativa retomada diferencia-se das formas tradicionais da narração histórica, em pelo menos cinco aspectos:

1. interessam-se, quase sem exceção pelas vidas, sentimentos e condutas dos pobres e anônimos, mais que a dos grandes e poderosos;
2. recurso analítico é tão importante quanto o descritivo;
3. a abertura de novas fontes relacionadas com as inovações temáticas (também a literatura pensada como fonte histórica);

4. procuram explorar os comportamentos inconscientes e os significados simbólicos dos acontecimentos, sob a influência das técnicas do romance moderno, das idéias de Freud e da antropologia;

5. relatam o singular com o objetivo de apreender os mecanismos internos de uma cultura ou de uma sociedade passada.¹⁵

Seria um equívoco analisar estes cinco critérios, isolados ou integrados, e convertê-los em uma imagem do "novo". Eles fixam um padrão narrativo "diferente" e não propriamente uma novidade historiográfica; de onde emerge a tese central dos narrativos: o modo predominante da escrita da história sempre foi e continua sendo a narrativa;¹⁶ por isto as expressões títulos dos textos que tratam do assunto, via de regra, utilizam vocábulos como "ressurgimento", "retorno", "reviver", "renascimento", etc. Recupera-se o rastro de uma tradição, a de narrar a história, mas remodelada, adaptada às circunstâncias atuais e ativas presentes no campo histórico.

As abordagens que envolvem este processo de adaptação podem ser desconstruídas a partir de dois argumentos: um, mais geral e superficial, onde aparecem as conseqüências imediatas operadas pela "virada" linguística da história; e outra, mais específica e complexa, que procura pensar os efeitos desta, sua influência, sobre o texto histórico.

Um dos exemplos marcantes do primeiro caso é a tendência em associar a volta da narração a impulsos meramente mercadológicos: a história narrativa viria a suprir uma demanda reprimida por livros de história provocada, sobretudo, pela impressão de que a história quando voltada excessivamente para as estruturas e "performances" analíticas torna-se mais árida e, portanto, menos acessível àquele que não é

iniciado em seus procedimentos. O fato de ter havido, realmente, um incremento do mercado de livros de história nos últimos trinta anos, não caracteriza, no entanto, um fenômeno particular da história narrativa e menos ainda uma afirmação do "novo". Na verdade, autores das mais diversas tendências, agrupados, no movimento conhecido como "nouvelle histoire", obtiveram sucesso perante o grande público e não necessariamente graças à incorporação da narração em seus textos.¹⁷ Também não é um fenômeno "novo" por não ser esta a única oportunidade, neste século, em que se criticou o baixo índice de circulação do trabalho histórico - da pesquisa à editoração, do autor ao leitor, do discurso histórico que interpela ao sujeito interpelado - em função do poder exercido pela história científica e a correspondente inibição imposta ao regime narrativo: Trevor-Roper exemplifica essa postura crítica, em meados da década de 50, ao considerar que a história já não falava mais ao público em geral por ter perdido seu domínio literário.¹⁸

Por outro lado, é preciso considerar que a aliança entre temas até bem pouco tempo refinados como objeto de pesquisa válidos, com a exposição narrativa do texto contribuiu significativamente para uma maior difusão da história; mas por que foi ao encontro das expectativas do leitor/consumidor, antes de tê-lo constituído. Neste sentido, Georges Duby, recorda que os historiadores em nada foram responsáveis pelo fato de a história ter entrado "no campo das produções literárias de grande consumo":

"Simplesmente atendemos a solicitações (...) Não é nosso dever disseminar o que sabemos, mais amplamente possível? (...) O retorno ao político, aos fatos, à biografia, logo à

narrativa, tem, como já disse outras causas, embora tenha sido favorecido pela expectativa do público.¹⁹

A transição deste primeiro argumento para o segundo, mais específico e complexo, é mediado por um tipo de argumentação que contém elementos comuns a ambos. Neste caso, teria a proliferação da história narrativa sido acompanhada de um afastamento da teoria da história; estar-se-ia reproduzindo a narrativa tradicional, positivista, onde não há no texto "análise" (definida como condição da teoria), apenas descrição, que, no entanto, ao retratar problemas históricos mais sedutores aproximava-se do leitor. A forte objeção dos historiadores narrativos a esta argumentação - não descartam os procedimentos analíticos (vide os critérios de Stone)²⁰ - não impediu o seu desdobramento agora em um nível muito mais elaborado: se os narrativos reivindicam a dimensão literária contrapondo-se à ciência, então, na realidade, estavam meditando a oposição entre ficção, o mítico e a história, a verdade.²¹

O que foi chamado há pouco, de a tese central dos narrativos, o persistente padrão narrativo da argumentação histórica, seria suficiente para objetar, novamente, esta idéia, pois, a rigor, a dicotomia proposta simplesmente não existiria. Mas os defensores da narratividade vão mais longe: para eles tanto o ficcional quanto o mítico não apenas incorporam-se à história e fazem parte dos regimes de verdade de uma sociedade, como são passíveis de serem reconstituídos, ordenados e expostos em um texto narrado.²²

Com efeito, o que ocorre de fato, não é um afastamento da teoria, mas um deslocamento do seu foco para a escritura: o teórico da história opta por estudar como ele próprio materializa, decodifica,

dispõe, a pesquisa pois "narração significa (...) também algo que retroage sobre a investigação"²³; define um sistema de inteligibilidade histórica.

O segundo argumento, acerca das repercussões sobre o texto confeccionado pelos historiadores pode agora ser introduzido.

Inicialmente, ele pode ser analisado a partir da questão "estilística". Definido segundo a noção corrente do século XIX como a arte de escrever bem, o estilo era apreendido como a forma do texto, que pouco contribuía para a compreensão de seu conteúdo, apenas para sua beleza. Entretanto, a análise da escrita da história abriu espaço para se redimensionar e teorizar o próprio estilo do historiador, não como um "ornamento", mas antes como a forma que constitui certo conteúdo.²⁴ Em outras palavras, o conteúdo do discurso histórico é indistinguível de sua forma discursiva; o que "permite ao analista do discurso histórico perceber em que medida esse discurso **constrói** seu assunto no **próprio processo de falar sobre ele**".²⁵

Em segundo lugar, é preciso considerar que a interferência do "estilo" do historiador em sua escrita não se faz livremente. Os modos de se escrever a história, em princípio, obedecem a normas, códigos e métodos (as determinações do "lugar" mencionadas anteriormente) que se não funcionam como mecanismos inibidores da criatividade dos historiadores, regulam sua imaginação às provas coligadas; compromisso que o afasta do literato.

A presença do subjetivo, nestes moldes, é, hoje, uma premissa inconteste para a maioria dos historiadores. Mas a consciência de que, após um amplo e exaustivo trabalho de pesquisa, a subjetividade do historiador tende a circular e a subverter o papel em branco sobre o

qual o texto é construído, os fatos encadeados e a trama distribuída, de maneira alguma é prática consensual. Ao contrário, há dificuldades em se admitir que a escrita histórica funciona como uma "estratégia expositiva" do historiador, as quais, na verdade, revelam-se como as "estratégias de persuasão" do discurso histórico.²⁶

Poder-se lá afirmar, não sem polêmica, que o debate entre a história estrutural e a história narrativa é uma manifestação da utilização desses recursos estratégicos. Posicionar-se perante este jogo interpelativo a partir desta dicotomia é uma postura que merece reparos. Dizer que é necessário optar por uma ou por outra, pelo rigor da primeira ou pelo charme da segunda, pelo valor científico daquela ou pelo valor artístico/literário desta, é deixar de perceber a especificidade do discurso histórico: "nada mais que uma narrativa verídica"²⁷, que entretanto, para continuar em busca deste tipo de verdade, teve que produzir um corpo de enunciados "científicos" que estabelecem um conjunto de regras que permitem controlar operações proporcionais à produção de objetos determinados,²⁸ evitando assim, não a história narrada sob a influência da intriga romanesca, mas a pior das histórias, a falsa, o engodo manipulativo.

Parece correto, neste sentido, a colocação de F. Furet de que

"a história oscilará provavelmente sempre entre a arte narrativa, a inteligência do conceito e o rigor das provas; mas se essas provas forem mais seguras, os conceitos mais explicitados, o conhecimento ganhará com isso e a arte da narrativa nada perderá."²⁹

Talvez, em conclusão, não seja despropositado recordar, como já o fez em 1903 G. M. Trevelyan, que "Clío também, é uma musa"; e

não parece gentil referir-se a uma musa com a desclegância do texto asséptico, ou com descortesia por ela se aventurar no universo da "invenção" narrativa; deve-se tratá-la, enfim, com reverência, para que não lhe depurem a beleza.

Notas:

¹ RANCIÈRE, J. *Os nomes da História: um ensaio de poética do saber*. SP: EDUC/PONTES, 1994, p.107.

² CERTEAU, M. 'A operação histórica', in LEGOFF, INORA, P. *História: novos problemas*. RJ: F. Alves, 1988, p.27. Ver também CERTEAU, M. 'L'opération historiographique', in _____ *L'écriture de L'histoire*, 2ª ed., Paris: Gallimard, 1978, pp. 63-120.

³ Sobre a proscrição da literatura do campo histórico ver RANCIÈRE, J. op. cit. Para uma definição polêmica sobre a história narrativa ver WHITE, H. 'Interpretation in History', in _____ *Tropics of discourse: essays in cultural criticism*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1978, p. 51. Sobre a narratividade como "princípio de exposição" ver KOCKA, J. *Um retorno à narração - em defesa de uma argumentação histórica*. Publicado em *Geschichte und Gesellschaft*, 10 (1984)3, pp. 395-408. Tradução René E. Geulz, p.02.

⁴ STONE, L. 'El resurgimiento de la narrativa: reflexiones acerca de una nueva y vieja historia', in *El pasado y el presente*. México: F.C.E., 1986, pp. 95-120. HUBSBAWM, E. 'The revival of narrative: some comments', in *Past and Present*, n° 86, 1980, pp. 03-08. KOCKA, J. op. cit. p. 07. Sobre o impacto do retorno da literatura ao campo histórico de David Halperin: 'the return of literature has plunged historical studies into an extended epistemological crisis. It has questioned our belief in a fixed and determinable past, compromised the possibility of historical reevaluation, and undermined our ability to locate ourselves in time. The result of all this has been to reduce historical knowledge to a tissue of remnants and fabrications concealing, it is said, an essential absence'. _____ 'Intellectual history and return of literature', in *The American Historical Review*, v. 94, N.3, June/1989, p.581. Fundamental também é ver RICOEUR, P. *Tempo et récit*. Paris: Editions du Seuil, 1983-1985 (3 vols).

⁵ Sobre este ponto ver GREIMAS, A. J./COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. SP: Cultrix, 1988, p.47.

⁶ Ver o prefácio de 'O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo época de Felipe II', in BRAUDEL, F. *Escritos sobre a História*. SP: Perspectiva, 1978, p. 14-15. Ver também BRAUDEL, F. 'Posição da história em 1950', op. cit. p.24. E sobre os conceitos de 'longa duração' e 'estrutura' ver BRAUDEL, F. *História e ciências*

incerta: a longa duração" in op. cit. p.49. Para Paul Ricoeur, cetero paribus, mesmo a análise estrutural de Braudel não Mediarrâneo... "é constituída a partir de modelos narrativos, RICOEUR, P. op. cit. vol. 3. "Cette lecture révèle le rôle considérable de structures de transition qui assurent la cohérence d'ensemble de l'œuvre. Ce sont des structures qui, leur tour, autorisent traiter l'engendrement de l'ouvrage, entier en termes de quasi-intégrité" p. 366 (pp. 366-396). Por outro lado, é preciso ter em conta que desde os primeiros anos dos Annales combate-se a história narrativa e política: "C'est histoire politique qui est, d'une part, une histoire-récit et, de l'autre, une histoire d'événements, une histoire événementielle, même d'apparences masquant le vrai jeu de l'histoire qui se passe dans les rouilles et dans les structures cachées où il faut aller le déposer. L'analyser, l'expliquer, LE GOFF, J (org) *La nouvelle histoire*. Paris: Ed. Complexe, 1988, p.40.

⁷ Ver a clássica crítica de LÉVI-STRAUSS, C. "História e dialética" in *O pensamento selvagem*. SP: Ed. Nacional, 1976. Também importante é a crítica de Roland Barthes, segundo a qual "a estrutura narrativa, elaborada no caudinho das ilações, torna-se, a uma só vez, signo e prova da realidade. Assim, falar das estruturas mais do que das cronologias, implica muito mais do que uma simples mudança de escala: uma verdadeira transformação ideológica: a narração histórica não é quase o signo da História é doravante menos o real do que o inalegível". BARTHES, R. "O discurso da história", in _____ *O rumor da língua*. SP: Brasiliense, 1988, p.157. Segundo Stephen Bann, "esta previsão (de Barthes) deve ter parecido atirada em sua época (1967) e no contexto inglês, ela sem dúvida teria sido ininteligível. Ainda os novos exemplos históricos, de Correll Barnett e A. J. P. Taylor, datam do período imediatamente anterior aquele em que Barthes estava escrevendo. Nenhum dos dois mostra sinal de que as estratégias tradicionais da narração estejam de algum modo esgotadas". BANN, S. "Analisando o discurso da história", in _____ *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. SP: ELNesp, 1994, p.85.

⁸ FOGEL, R. W. "História científica e história tradicional", in FOGEL, R.W./ELTON, G. R. *Cuál de los caminos al pasado? Dos visiones de la historia*. México: F.C.E., 1989, p.41. Fogel no mesmo texto diz que "el modelo de los etnohistoricos para probar su argumento o desaprobar el de un oponente, es el modelo empirico científico. La estrategia consiste en hacer explícitos los supuestos empiricos implícitos sobre los que descansan muchos argumentos históricos, y luego buscar la evidencia, generalmente cuantitativa, capaz de confirmar o desaprobar los supuestos". Idem, p.83.

⁹ FOGEL, R.W. op. cit. p.45.

¹⁰ A história reduz-se a um grupo de ineludidos que, por um lado, excluem da problemática teórica da história as questões relativas a "posición ideológica de una obra, la calidad del pensamiento de su autor, y el mérito estilístico, que desenvuelven tan ampliamente en las disputas tradicionales, rara vez ingresan a la historia

etnohistórica, así como rara vez lo hacen en la ciencia formal". (FOGEL, R.W. op. cit. pp. 90-95), e por outro lado, determinam que o público consumidor deste tipo de história seja tão seletivo quanto o próprio historiador: "la mayoría de los etnohistoricos cree que el público apropiado para semejantes obras no son aquellos que leen historia por placer, sino las que son capaces de estimar y evaluar los frutos de los labores científicos: no un público numeroso, sino un reducido grupo de especialistas muy preparados" (Idem, p.125). Para uma crítica a noção de "história tradicional" em Fogel, ver, no mesmo livro, o artigo de G.R.Elton, "Dos tipos de historia", in _____ op. cit. pp. 117-118. L. Stone afirma que os historiadores etnohistóricos, ou os "miembros de esta orden sacerdotal discrepan furiosa y públicamente sobre la validez de los resultados de unos y de otros". STONE, L. op. cit. p. 99. Para uma crítica marxista da etnohistória definida como um ramo do moderno cientifismo ver FORTIANA, J. *La historia después del fin de la historia: reflexiones acerca de la situación actual de la ciencia histórica*. Barcelona: Crítica, 1992, pp. 33-41.

¹¹ WHITE, H. "Textos literários e escrita da história", in *Estudos históricos*, vol. 7, n° 13, 1994, p.38.

¹² Autores como Hayden White descrevem a condição exclusivamente científica da história e aproximam das formas literárias. Segundo ele: "in general there has been a reluctance to consider historical narratives as what they most manifestly are: verbal fictions, the contents of which are as much invented as found and the forms of which have more in common with their counterparts in literature than they have with those in the sciences." WHITE, H. "The historical text as literary artifact" in WHITE, H. op. cit. p.82, ou ainda: "by drawing historiography back once more to an intimate connection with its literary basis." (Idem, p.99). De acordo com H. White o discurso histórico refere-se antes a condições tripológicas do propriamente lógico. Sobre a teoria dos tropos, ver WHITE, H. *Metahistória: a imaginação histórica do ser*. XIX. SP: EDUSP, 1992, pp. 46-52, et. Para uma análise crítica do trabalho de H. White, ver RICOEUR, P. op. cit. pp. 286-301. Ver também J.F. GOFF, J. *História e memória*. SP: Edunicamp, 1992, pp. 35-37. Para uma relação com a nova história cultural ver KRAMER, L. "Literature, criticism and historical imagination: the literary challenge of Hayden White and Dominick La Capra", in HUNT, L. (ed) *The new cultural history*. Berkeley/London: University of California Press, 1998, pp. 97-128.

¹³ Ver STONE, L. op. cit. pp. 104-107.

¹⁴ Roger Chartier, prefere o conceito de representação ao de mentalidade. Ver CHARTIER, R. "Le monde comme représentation" in *Annuaire*, no/dec, 1989, n° 6, pp. 1505-1520.

¹⁵ STONE, L. op. cit. p.114. Bernard Baylan desmota a importância das considerações de L. Stone em "The challenge of modern historiography", in *The American Historical Review*, v. 87, n° 1, Fev/1982, pp. 08 (pp. 01-24). Para uma crítica a Stone ver HUBSHAWN, E. op. cit.

¹⁶ Neste caso, o "retorno" narrativa não existiria e, portanto, seria uma questão mal-colocada. Ver CHARTIER, R. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas", in *Estudos Históricos*, RJ, vol. 7, n.º 13, 1994, p. 103. Após desenvolver o conceito de narração de Jörn Rüsen, J. Kocka conclui que "neste sentido todos os historiadores, também os maiores defensores de uma história estrutural teórica, sempre fizeram narração." (Kocka desenvolve uma crítica a esta concepção). KOCKA, J. op. cit. p. 03 "Los historiadores siempre han contado relatos". STONE, L. op. cit. p. 95. "A história é filha da narrativa... fazer história é contar uma história." FURET, F. "Da história narrativa história-problema", in _____ *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, s.d., p. 81. Para um detalhamento mais completo e sofisticado desta tese, ver RICŌEUR, P. op. cit.

¹⁷ Segundo Philippe Ariès "O êxito da história hoje em dia, na medida em que ela não é narrativa, é provocada pela dimensão da crítica do grande público ao progresso", ARIÈS, P. et alii "A história - uma paixão nova (mesa redonda)", in LE GOFF, J./DUBY, G. (outros) *A nova história*. Lisboa, Ed. 70, 1986, p. 24. G. Duby chama a atenção para o fato de que alguns livros de grande sucesso de vendas não eram de leitura fácil, como por exemplo "As palavras e as coisas" de Foucault e o "Cri e o corido" de Lévi-Strauss. DUBY, G. *A história continua*. RJ: J. Zahar Ed/Ed LTRJ, 1993, pp. 106-107.

¹⁸ TREVOR-ROPER, H. R. "History: professional and lay" (1957) cit. in: GAY, P. *O estilo na história*. SP: Cia. das Letras, 1990, p.168.

¹⁹ DUBY, G. op. cit. p.108. Para uma crítica do retorno ao político ver CHARTIER, R. op. cit., 1994, embora o autor não seja, de modo algum, um anti narrativo.

²⁰ "O mais urgente faz nos precavermos de qualquer complacência face aos novos leitres." DUBY, G. *Idem*.

²¹ Ver KOCKA, J. op. cit., p.03 onde fala em uma "tensão" entre narratividade e teoria. Ver também FONTANA, J. "el retorno a la historia narrativa: un indicador de problemas y una falsa solución" in FONTANA, J. op. cit. p.17. Para este autor a volta à narrativa é uma forma de se escapar do contágio teórico.

²² Sobre ficção e história ver CERTEAU, M. "La fiction de l'histoire" in CERTEAU, M. op. cit., 1978, pp. 312-358. Sobre as possíveis relações entre fato (histórico), ficção e romance, ver BANN, S. "Eternos retornos e o sujeito singular: fato, ficção e romance", in BANN, S. op. cit. pp. 87-107. Para uma visão crítica destas relações ver STONE, L. "History and postmodernism", in *Past and present*, N. 111, MAY/1991.

²³ KOCKA, J. op. cit., p. 02.

²⁴ "O estilo não é a roupagem do pensamento, e sim sua essência." GAY, P. op. cit. p.170. Este mesmo autor lembra que esta constatação já havia sido feita pelos literatos: M. Proust em entrevista concedida em 1913 dizia que "o estilo não é em absoluto um ornamento, posto vêem algumas pessoas, não é sequer uma questão técnica, é como a cor para os pintores - uma qualidade de visão". *Idem*, p. 197, S.

Bann esclarece um pouco mais esta questão ao dizer que "Proust lê, e escreve, o mundo como um texto". BANN, S. "Clô em parte: sobre antiquarindo e fragmento histórico" in BANN, S. op. cit. p.151.

²⁵ WHITE, H. op. cit., 1994, p. 26.

²⁶ Ver GAY, P. op. cit. p.177.

²⁷ VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Lisboa: Ed. 70, 1983, pp. 13-25.

²⁸ Ver CERTEAU, M. op. cit., pp. 61-120.

²⁹ FURET, F. op. cit. p.98.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANN, S. *As invenções da história: ensaio sobre a representação do passado*. SP: Unesp, 1994.
- BARTIÈS, R. *O rumor da língua*. SP: Brasiliense, 1988.
- BAYLAN, B. The challenge of modern historiography. *The American Historical Review*, v. 87, n. 1, Feb/1982, pp. 01-24.
- BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. SP: Perspectiva, 1978.
- BURKE, P. *A escrita da história: Novas perspectivas*. SP: Edusp, 1992.
- CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*, 2ª ed., Paris: Gallimard, 1978.
- CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, RJ, v. 7, n. 13, 1994, pp. 97-113.
- _____. Le monde comme représentation. *Annales*, n. 6, nov/dez/1989, pp. 1505-1520.
- DUBY, G. *A história continua*. RJ: J. Zahar/Ed. LTRJ, 1993.
- FOGEL, R.W.; ELTON, G.R. *¿Cuál de los caminos al pasado? Dos visiones de la historia*. México: F.C.E., 1989.
- FONTANA, J. *La historia después del fin de la historia: reflexiones acerca de la situación actual de la ciencia histórica*. Barcelona: Crítica, 1992.
- FURET, F. *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s.d. (1901-1).
- GAY, P. *O estilo na história*. SP: Cia. das Letras, 1990.
- GREIMAS, A.J.; COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. SP: Cultrix, 1988.
- HARLAN, D. Intellectual history and return of literature. In: *The American Historical Review*, v. 91, n. 3, June/1989, pp.581-609.
- HOBBSBRAWM, E. The revival of narrative: some comments. In: *Past and present*, n. 86, 1980, pp. 03-08.
- HUNT, L. (ed) *The new cultural history*. Berkeley and London: University of California Press, 1989.
- KOCKA, J. Um governo à narração: em defesa de uma argumentação histórica, 1984 (mimeo).
- LE GOFF, J. *História e memória*. SP: E. Unicamp, 1992.
- _____. *La nouvelle histoire*. Paris: Complexe, 1988.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (org) *História: novos problemas*. RJ: F. Alves, 1988.

- LE GOFF, J; DUBY, G. A nova história. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- RANCIÈRE, J. Os novos da história: um ensaio de poética do saber. SP: Fapes/Portes, 1994.
- RICOEUR, P. Temps et Récit. Paris: Editions du Seuil, 1983-1985 (3 vol.).
- STONE, L. El resurgimiento de la narrativa: reflexiones acerca de una nueva y vieja historia. In: El pasado y el presente. México: F.C.F., 1986, pp. 95-620.
- _____. History and postmodernism. Past and present. N. 131, may/1991.
- VEYNE, P. Como se escreve a história. Lisboa: Ed. 70, 1983.
- WHITE, H. Tropics of discourse: essays in cultural criticism. Baltimore and London: The Johns Hopkins Press, 1978.
- _____. Metahistória: a imaginação histórica do sc. XIX. SP: Edusp, 1993.
- _____. Teoria literária e escrita da história. Estudos históricos, v. 7, n. 13, 1994, pp. 21-48.